






CONTANÇA DE HISTÓRIAS: UM CAMINHO PARA ENCANTAR ALUNOS E ENRIQUECER A PRÁTICA PEDAGÓGICA

*STORYTELLING:
A WAY TO DELIGHT STUDENTS AND ENRICH PEDAGOGICAL PRACTICE*

*CUENTO DE HISTORIAS:
UNA MANERA DE ENCANTAR A LOS ESTUDIANTES Y ENRIQUECER LA
PRÁCTICA PEDAGÓGICA*

 **Márcia Tatiana Funke Dieter**
Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social
Universidade FEEVALE/Bolsista/CAPES/PROSUC
Novo Hamburgo – Rio Grande do Sul – Brasil
escritora.marciafunkedieter@gmail.com

 **Jéssica Mais Antunes**
Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social
Universidade FEEVALE/Bolsista/CAPES/PROSUC
Novo Hamburgo – Rio Grande do Sul – Brasil
jehantunes31@gmail.com

 **Lovani Volmer**
Doutora em Letras
Universidade FEEVALE
Novo Hamburgo – Rio Grande do Sul – Brasil
lovaniv@feevale.br

Resumo: A contação de histórias contribui para a constituição dos sujeitos, pois estimula a imaginação, desenvolve habilidades linguísticas e promove valores culturais, a empatia e a compreensão do mundo. Contudo, práticas de leitura estimulantes ainda são pouco exploradas na escola. Nessa perspectiva, esta pesquisa, qualitativa e de cunho bibliográfico, tem como objetivo discutir a importância da contação de histórias na mediação docente e apresentar, com base em uma obra literária, caminhos para os professores explorarem com mais segurança e desenvoltura o momento com histórias. O aporte teórico deste estudo baseou-se nas discussões de Zilberman (2003, 2012), Colomer (2007) e Busatto (2003). Como resultado, verificou-se que a contação de histórias fortalece o vínculo emocional entre adultos e crianças, proporcionando momentos de conexão e aprendizado além de que as vivências literárias podem potencializar as aulas e enriquecer as ações pedagógicas e ser um grande incentivo à promoção da leitura, contribuindo para a formação humana dos estudantes.

Palavras-chave: contação de histórias; escola; mediação da leitura; prática pedagógica.

Abstract: Storytelling contributes to the constitution of subjects, as it stimulates imagination, develops linguistic skills and promotes cultural values, empathy and understanding of the world. However, stimulating reading practices are still little explored at school. From this perspective, this qualitative and bibliographical research aims to discuss the importance of storytelling in teaching mediation and present, based on a literary work, ways for teachers to explore the moment with stories with more confidence and ease. The theoretical contribution of this study was based on discussions by Zilberman (2003, 2012), Colomer (2007) and Busatto (2003). As a result, it was found that storytelling strengthens the emotional bond between adults and children, providing moments of connection and learning, in addition to the fact that literary experiences can enhance classes and enrich pedagogical actions and be a great incentive to promote reading contributing to the human development of students.

Keywords: storytelling; school; reading mediation; pedagogical practice.

Resumen: La narración contribuye a la constitución de sujetos, ya que estimula la imaginación, desarrolla habilidades lingüísticas y promueve valores culturales, la empatía y la comprensión del mundo. Sin embargo, las prácticas estimulantes de la lectura aún son poco exploradas en la escuela. Desde esta perspectiva, esta investigación cualitativa y bibliográfica tiene como objetivo discutir la importancia de la narración en la enseñanza de la mediación y presentar, a partir de una obra literaria, formas para que los docentes exploren el momento con historias con mayor confianza y facilidad. El aporte teórico de este estudio se basó en discusiones de Zilberman (2003, 2012), Colomer (2007) y Busatto (2003). Como resultado, se encontró que contar cuentos fortalece el vínculo emocional entre adultos y niños, brindando momentos de conexión y aprendizaje, además de que las experiencias literarias pueden potenciar las clases y enriquecer las acciones pedagógicas y ser un gran incentivo para promover la lectura, contribuyendo al desarrollo humano de los estudiantes.

Palabras clave: narración; escuela; mediación lectora; práctica pedagógica.

Para citar - (ABNT NBR 6023:2018)

DIETER, Márcia Tatiana Funke; ANTUNES, Jéssica Mais; VOLMER, Lovani. Contação de histórias: um caminho para encantar alunos e enriquecer a prática pedagógica. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 69, p. 1-18, e26379 abr./jun. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n69.26379>



Introdução

A arte de narrar histórias é uma tradição antiga, que remonta aos primórdios da humanidade, sendo uma prática explorada desde os tempos pré-históricos, através de gestos e desenhos rupestres. Nessas situações eram propagadas “a sabedoria humana, o resgate de pensamentos e ensinamentos de diferentes povos e culturas, [...] (Abate; Stoltz, 2019, p. 3).

Na arte rupestre, o homem compartilhava os relatos de suas experiências diárias, como a caça, a pesca e outros eventos, além de tentar elucidar mistérios e aspectos desconhecidos através dessas narrativas pintadas nas paredes das cavernas. Então, “Desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre entremeadas de sons guturais até a elaboração da linguagem” (Bedran, 2012, p. 25).

Por meio das narrativas orais, inicialmente, a humanidade disseminou sua cultura, compartilhando suas diferentes tradições. Por conseguinte, “Contando sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como um recurso vital e fundamental. Sem ela a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seria possível.” (Bedran, 2012, p. 25).

Em algumas culturas, de geração em geração, a prática de contar histórias era responsabilidade de um único integrante do grupo, normalmente o indivíduo mais velho. Alguns povos continuam se reunindo para contar e ouvir histórias, como, por exemplo, povos da África, que têm seus contadores chamados *Griots*, assim como alguns povos indígenas, que também se reúnem para ouvir histórias contadas pelos mais velhos da tribo, reunindo crianças, jovens e adultos, além de muitos outros; na verdade “Todas as culturas possuem seus contadores e suas fontes de histórias” (Bajard, 2014, p. 27), que são os responsáveis por disseminar crenças, valores e a história de seu povo. Então, a prática de contar histórias foi evoluindo e conquistando cada vez mais adeptos, que sentem muita satisfação em compartilhar, tornando o encontro uma partilha, não só de histórias mas de afetos que vão se construindo ao longo da narrativa, na troca de olhares e no imaginar de quem vivencia este momento. Isso porque a imaginação

[...] transforma-se em meio de ampliação da experiência de uma pessoa porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ela pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua própria experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando a experiência histórica ou social alheias com a ajuda da imaginação (Vygotsky, 2018, p. 27).

Com a invenção da escrita, muitas das histórias transmitidas oralmente foram documentadas e preservadas para não serem esquecidas ao longo do tempo. Graças a isso, hoje em dia, temos acesso a narrativas de épocas passadas, que resistiram ao teste do tempo. Nesse viés, a escrita

provocou profundas mudanças intelectuais e sociais, transformou uma sociedade oral em uma sociedade escrita, considerada por alguns antropólogos como o abandono da mente selvagem. O livro e o texto impresso constituíram um importante força na evolução cultural e o hábito de ler começou a representar uma poderosa força de mudança social (Reis, 2019, p. 09).

Um caso ilustrativo disso são os contos de fadas, primeiramente transmitidos de forma oral e posteriormente reunidos em obras literárias. Essas narrativas exerceram uma forte influência sobre diversos ouvintes, uma vez que contribuem significativamente para o desenvolvimento humano, porque “As histórias oferecem em grau ou modo peculiar diferentes sentimentos: fantasia, superação, escape, consolo - tudo o que as pessoas via de regras precisam.” (Gomes, 2018, p. 25).

Nessa perspectiva, sem dúvida, as narrativas continuam exercendo sua influência na era contemporânea. Isso se deve ao fato de que essas histórias resistiram ao tempo e ainda conseguem abordar questões humanas universais, mantendo um diálogo contínuo com as pessoas. E apesar de as histórias terem sido registradas em livros, a tradição de contá-las sempre persistiu, acompanhando a evolução do ser humano e, certamente, permanecerá presente no futuro. Tanto no passado quanto no presente, a arte de contar histórias continua a unir e fascinar seus ouvintes.

Considerando esse contexto, o presente estudo pretende discutir a importância da contação de histórias no contexto escolar, através da mediação docente, e apresentar, com base na obra literária “Gabriela, a borboleta amarela”, de Márcia Funke Dieter (2014), subsídios aos professores para a explorarem com mais tranquilidade, segurança e desenvoltura. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa básica, qualitativa e bibliográfica, envolvendo, nas discussões, Zilberman (2003, 2012), Colomer (2007) e Busatto (2003).

Posto isso, nas seções a seguir, discutiremos sobre a importância da literatura e da contação de histórias na constituição do sujeito, sugerindo um caminho para a realização da contação de histórias na escola. Dessa forma, acreditamos estar contribuindo para que o professor conte mais histórias, aguçando o gosto pela leitura em seus alunos e transformando suas aulas.

Literatura, contação de histórias e a constituição do sujeito

A leitura de obras literárias desempenha papel fundamental na educação e no desenvolvimento do ser humano, pois a literatura “desenvolve a humanidade no ser humano, na medida em ele se torna mais compreensivo e aberto para a natureza, para a sociedade e para o seu semelhante” (Candido, 2011, p. 182).

À medida que uma pessoa se entrega à leitura da literatura, ela nutre sua imaginação, proporcionando-lhe uma oportunidade valiosa para compreender tanto a si mesma quanto o mundo ao seu redor. Esse contato íntimo com a ficção e a realidade intensifica o processo de humanização, promovendo maior empatia e compreensão das complexidades da vida, por isso torna-se fundamental ter a oportunidade de vivê-la desde a mais tenra idade. Ademais a leitura da literatura

ajuda o indivíduo a se posicionar no mundo, a compreender a si mesmo e à sua circunstância, a ter suas próprias ideias. Mas a leitura da literatura é ainda mais importante: ela colabora para o fortalecimento do imaginário de uma pessoa, e é com a imaginação que solucionamos problemas. Com efeito, resolvem-se dificuldades quando recorremos à criatividade, que, aliada à inteligência, oferece alternativas de ação (Zilberman, 2012, p. 148).

Dada a relevância da literatura na formação das identidades individuais, é crucial promover o hábito de leitura entre as crianças desde os primeiros anos de vida, pois ela “[...] constrói seu conhecimento através de trocas comunicativas com outras pessoas e da experimentação do meio em que se insere” (Antunes; Martins; Kunz, 2021, p. 02). Isso porque os “bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento. Descobrir estes sentimentos desde cedo, poderá ser uma excelente conquista para toda a vida” (Silva, 1992, p. 57).

Nesse viés, ao se envolver com a literatura desde a mais tenra idade, a criança é exposta a experiências que podem auxiliar na expressão de seus sentimentos e na organização de seu mundo interior. Além disso, cabe considerar que “O ser humano se mobiliza por meio das histórias que escuta e é importante que alguém lhe conte [...]”. (Panozzo; Ramos, 2011, p. 53).

Então, o acesso precoce aos livros desempenha um papel significativo na formação tanto do indivíduo quanto do ambiente que o cerca, promovendo transformações profundas, pois

Se todos passamos pela infância e se está demonstrado que o que se constrói nesses anos implica qualidade de vida, oportunidades educativas e, por consequência, desenvolvimento individual e social de cada indivíduo, “oferecer literatura” às crianças menores pode contribuir para a construção de um mundo mais equitativo, proporcionando a todos as mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento e à expressividade desde o começo da vida (Reyes, 2010, p. 16).

A literatura voltada às crianças pode proporcionar experiências enriquecedoras, que têm o potencial de influenciar profundamente a vida dos jovens leitores, porque a “[...] imaginação aumenta os valores da realidade” (Bachelard, 2008, p. 23), de modo que, ao entender melhor os seus sentimentos, a criança poderá compreender o outro e a realidade em que vive. Nesse contexto, através da literatura, é possível explorar uma variedade de situações, estimulando a reflexão e alterando a forma como se enxerga o mundo e se pensa sobre ele.

Considerando o poder transformador da leitura literária, é fundamental encorajar as crianças a se envolverem mais com os livros, pois “O bem de um livro está em ser lido” (Eco, 2015, p. 21). Portanto, uma estratégia eficaz para promover e consolidar o hábito da leitura entre as crianças é por meio da contação de histórias, realizada por um mediador, que utiliza sua voz, expressões faciais, o corpo com gestos e intenção para envolver os ouvintes. “Ter, apenas, acesso aos livros ou tempo para ler não basta, nem simplesmente deixar ler, para que o interesse pela leitura ocorra, é preciso apresentar os livros aos leitores em formação. Para tanto, faz-se necessário investir na mediação de leitura.” (Souza, 2009, p. 11).

O mediador de leitura que escolhe contar histórias com desenvoltura, amor e entrega poderá conquistar muitos leitores nessa ação coletiva, ao, por exemplo, apresentar a narrativa e, após, o livro, objeto que proporciona, através das palavras e da imagem, uma experiência única. Essa junção do contar e apresentar o livro atrai o ouvinte, que passa a desejar acessar esse objeto com materialidade poética tão intensa, e este desejo e movimento ao encontro do livro é, sem dúvida, incentivo para o início de uma jornada linda e potente de um leitor. Relacionado a isso, Busatto (2003, p. 45-46) afirma que conta histórias para

[...] formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado.

No contexto educacional, a técnica de narrar histórias tem sido empregada como uma ferramenta para aprimorar as abordagens pedagógicas em sala de aula, pois estimula o interesse dos alunos e os envolve de maneira significativa, isso porque “[...] é na curiosidade que o mundo se movimenta, e não na resposta pronta, no mundo explicado da informação.” (Gomes, 2018, p. 55). Desta forma, realizar a contação de histórias aos estudantes é contribuir na sua formação como sujeitos críticos, e também em sua formação leitora e sua existência como leitor, ampliando seu repertório de conhecimento, uma vez que o homem descobre o mundo através de histórias, o mundo ficcional abre para o conhecimento e compreensão do mundo real (Bajard, 2014).

Durante a contação das histórias, a oralidade acende, fazendo com que as crianças se conectem com o mundo da linguagem, da leitura e da escrita, conhecendo as palavras e a sua pronúncia, além de ampliarem o seu vocabulário, aprendendo e entendendo, a cada nova situação literária, a estrutura de um texto. Como resultado das vivências literárias, as ideias também passam a acontecer com mais frequência, novas sinapses são construídas, tornando-se mais criativas e protagonistas na criação de suas próprias histórias. Então, quando a história é bem contada, envolvente, encantando, raramente é esquecida.

Logo, a escola poderá ser o lugar de vivências em que a literatura, ao ser compartilhada através do contar, permitirá às crianças viverem uma experiência de encantamento, construções e crescimento pessoal e coletivo. Em contato com a contação da história e com o livro que oferece novas possibilidades, no entrelaçamento do texto verbal e visual, os estudantes terão a oportunidade de ampliarem seus horizontes e poderão ser agentes de transformação. Para isso, é importante que a literatura seja usada

[...] em sala de aula na sua natureza ficcional, que aponta um conhecimento de mundo, e não enquanto súdita do ensino de boas maneiras (de se comportar e ser ou de falar e escrever), ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional (Zilberman, 2003, p. 30).

Encontramos muitos professores, na educação infantil, contando histórias, uma vez que as crianças, em sua maioria, ainda não leem a palavra escrita. Conforme Abramovich (2004, p. 24), “O livro da criança que ainda não lê é a história contada”. A atuação do professor, na entrega da história, através do contar é imprescindível para que as crianças tenham experiências literárias que possam contribuir na sua formação.

Segundo a 5ª edição da pesquisa Retratos de Leitura no Brasil de 2019, realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), a partir da pergunta “Quem mais influenciou o gosto pela leitura?” (Failla, 2021, p. 234), os professores aparecem em primeiro lugar; muitos estudantes procuram ler determinado livro por influência do professor. Em segundo lugar, aparece a mãe e, em terceiro, o pai. O professor é, sem dúvida, um influenciador de leitura, sua mediação é necessária para que o incentivo à leitura aconteça e a prática da contação de história é uma alternativa potente que contribui nesse incentivo, tanto na educação infantil como nos anos iniciais do ensino fundamental.

O professor desempenha um papel decisivo na contação de histórias, pois é ele quem guia os alunos nessa jornada, incentivando sua imaginação e engajamento. É por meio da sua orientação que os estudantes são transportados para o mundo da história, explorando novas possibilidades e vivenciando experiências enriquecedoras. Desse modo, “O bom mediador

contribui para que o leitor se apaixone pela obra a ponto de estabelecer com ela um relacionamento que pode vir a ser definitivo.” (Dantas, 2019, p. 67). E quando essa relação se estabelece, poderá ser o início do despertar para a leitura, o desejo de viver a experiência proporcionada ao ouvir a história contada, outra vez, leva a buscar pelo livro para lê-lo e levá-lo para casa e compartilhar com a família.

Nesse viés, para envolver os alunos e contar histórias de forma cativante, o professor deve se libertar de qualquer limitação que o impeça de contar com autenticidade. Isso pode incluir se desprender de conceitos pré-concebidos sobre contar histórias, permitindo-se surpreender e maravilhar os alunos. Ao fazer isso, o professor também tem a oportunidade de se conhecer melhor como contador de histórias, identificando suas habilidades e desafios únicos nesse processo narrativo.

Talvez o maior problema que estamos enfrentando nos dias atuais é como fazer com que a escola resgate a dimensão lúdica e prazerosa da Literatura, quando os professores foram formados para impor, julgar e avaliar a capacidade de leitura (Cavalcanti, 2002, p. 77).

Então, é preciso que o professor entenda que o seu envolvimento na contação de história é essencial, porque se ele contar, sem nenhum preparo e cuidado, sem entusiasmo e desejo, o momento poderá ser desinteressante e desestimulante. Mas, se o contrário ocorrer, e ele contar com alguns cuidados, tendo preparado a forma de contar, prestando atenção no seu jeito de contar e o fazer com alegria e entusiasmo, o momento poderá ser tão interessante a ponto de marcar o ouvinte, oportunizando mudanças internas e, posteriormente, externas, além de tornar a aula convidativa para o ensino e a aprendizagem acontecerem com prazer e sentido.

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (Abramovich, 2004, p.18).

Cabe considerar, ainda, que muitas crianças só têm a oportunidade de ouvir histórias dentro do espaço escolar. Conforme Bedran (2015, p. 386), “[...] mãe ou pai, com ou sem o livro na mão, contando histórias ou acalentando o filho está quase extinto dos lares de qualquer classe social brasileira, cabendo ao educador muito da tarefa de ‘regar as plantinhas’”. Assim, é fundamental que o professor se envolva plenamente nesse processo, incorporando o melhor da história por meio de sua entonação vocal, expressão corporal e contato visual, criando um

ambiente propício para uma experiência enriquecedora de contação de histórias. É essencial que a narrativa desperte o interesse dos ouvintes, permitindo-lhes explorar livremente sua imaginação, sem restrições mentais. Portanto, com desenvoltura e boas técnicas, o professor não só contará como encantar seus alunos, incentivando-os à leitura, estimulando potencialmente a empatia através da história contada e contribuirá no desenvolvimento dos estudantes.

Tecendo caminhos para a contação de histórias

Primeiramente, antes da ação do contar, é preciso escolher a história que será contada, porque a partir dela tudo será planejado. Quando o professor se apaixona pela história, certamente vai se envolver tanto com o enredo que contará de uma forma muito mais intensa. Busatto (2003, p. 48) afirma que “O envolvimento afetivo com a história narrada permite maior flexibilidade ao narrador, pois ele poderá perceber como ela atua junto aos ouvintes [...]”.

É importante para o sucesso de uma contação de história que ela tenha possibilidades imagéticas para transportar os ouvintes para outros mundos, outros tempos, e, com isso, terem a chance de serem outros nesta viagem. Segundo Colomer (2007, p. 57), as crianças “necessitam também de uma literatura que amplie sua imaginação e suas habilidades perceptivas [...]”.

O professor poderá se deparar com histórias que não podem ser contadas, sendo que precisam ser lidas e sentidas através da linguagem verbal e não verbal, já que os elementos gráficos e pictóricos da obra complementam a narrativa. E, não há problema com isso, pois nem todas as histórias têm essas aberturas para o contar, algumas só serão compreendidas se lidas, contemplando, ao mesmo tempo, as ilustrações porque “a ilustração atua nos silêncios deixados pela palavra, ela não vai simplesmente ecoar a palavra, mas trazer dados em consonância com a proposta verbal, ampliando-a (Panozzo e Ramos, 2011, p. 31). Mas as histórias que abrem para a possibilidade de serem contadas sem o uso do livro, serão ainda mais significativas se preparadas anteriormente.

Uma forma de escolher boas narrativas literárias é lendo, não há como fugir disso, e o professor que deseja formar leitores precisa, antes de tudo, ser um leitor, um bom leitor. A partir das leituras, o professor terá a chance de separar “o joio do trigo”, escolhendo as histórias que libertam o imaginar, para que os ouvintes possam ir além do dito. Para Silveira et al. (2012, p. 33), há a história que propicia uma leitura libertina, isto é, “que escapa do

controle e se vai aguçando sentidos, suspiros, desejos”. Trazer narrativas aos alunos sem que elas sejam mero pretexto para ensinar e didatizar é um grande desafio na escola, pois muitas são utilizadas apenas com este propósito, deixando-se de lado a riqueza estética da obra. De acordo com Jardim (2001, p. 78),

Muitos autores insistem em escrever histórias de sementinhas, nuvenzinhas, gotinhas d’água, crisálidas transformadas em lindas borboletas, famílias de micróbios e bactérias que, no fundo, não passam de aulas de ciências ou lições de higiene, disfarçadas em literatura infantil. Ora, esses livrinhos poderão até ter sua utilidade quando o professor desejar passar informações específicas sobre germinação, ciclo das águas, estações do ano, ou seja, lá o que for. Nunca quando a proposta é levar à criança a verdadeira literatura.

As narrativas que escolhemos para contar, como já vimos neste estudo, podem oportunizar transformações naquele que ouve. Assim sendo, é importante que se escolham textos enérgicos, receptivos, ousados, que evitem a sedução superficial e populista, que incitem questionamentos, pausas, visualizações, ações, rejeições e encantamentos. Após a escolha da história, chega o momento de prepará-la e de o professor se preparar para o contar. A preparação da contação da história faz toda a diferença para despertar o interesse e prender a atenção daqueles que ouvem, e preparar-se é justamente pensar ações antes do ato de contar: “a arte de contar exige um fazer anterior, um preparo, um domínio prévio, um conhecimento, estudo, ensaio, profundidade.” (Sisto, 2007, p. 40). É importante, também, “[...] que a postura do narrador ou contador de histórias esteja o mais concentrada possível na própria matéria narrativa, para que faça chover na imaginação do ouvinte as imagens que as palavras contêm” (Bedran, 2012, p. 91).

Na preparação da contação de história, primeiramente, o professor terá que incorporar esta história, e não a decorar; “quando decoramos um texto, palavra por palavra, sem tentar procurar um sentido global, isto é, sem fazer inferências necessárias, esquecemos o conteúdo quase que imediatamente [...]” (Kleiman, 2016, p. 30). Para não esquecer da história, é preciso incorporá-la e isso poderá ser feito lendo a obra e prestando atenção à sequência da narrativa, isto facilita a criação de imagens mentais da história que está sendo narrada. Dessa maneira, fica mais fácil lembrar o que acontece na medida em que se vai contando; a história vai se desenrolando na mente de quem conta e com fluidez. Esse contar fluído estimulará, também, a criação das imagens na mente dos alunos, tornando o momento, mesmo no coletivo, único, singular e intenso.

Sem essas imagens o conto perderia a graça e o fascínio, e para que elas surjam no imaginário do ouvinte com toda a força que elas trazem consigo é preciso que antes elas sejam visualizadas por nós, na nossa tela interna, com tanta precisão, que ao narrá-las elas criem vida e se materializem no espaço (Busatto, 2003, p. 54).

Uma narrativa envolvente por si só já é cativante. Porém, um recurso adicional na hora da contação, como um tecido ou fitas em movimento ou o som de um instrumento de percussão, pode acrescentar um brilho extra, surpreendendo o público. Entretanto, por mais que o professor encontre inúmeras maneiras de deixar a história ainda mais encantadora, é importante entender que a história narrada é a única que, de fato, deverá chamar a atenção dos ouvintes. Ela deverá ser sempre o “prato principal”, pois a intenção de compartilhar histórias através da oralidade é, justamente, que ela chegue ao alcance de mais crianças, que essas sejam tocadas pelas histórias, contribuindo no incentivo ao hábito de leitura ou fortalecendo-o.

Logo, é importante ser ponderado na escolha dos recursos para deixar a história mais atrativa - aqui cabe bem o ditado “menos é mais”, porque não é interessante utilizar em uma única história todos os recursos que conhecemos. Se assim o fizermos, não será mais um elemento surpresa pensado e preparado com cuidado, na verdade, se tivermos surpresas demais será algo sem graça e desviará a atenção daqueles que a ouvem. Tudo na contação deve ser usado com moderação, sem exageros. O professor poderá escolher uma, duas ou até três passagens no texto para encaixar esse “algo a mais” e surpreender seus alunos, fazendo com que se encantem com a história e com os elementos que não esperavam.

O importante é que o uso dos objetos não esclareça tudo, mas sim que a imaginação se encarregue de modificar as formas. O essencial numa narrativa é não perder de vista que ela é útil a quem ouve, justamente por permitir que cada um retire do conto aquilo que necessita, e que a partir dele se faça um estimulante exercício imaginativo (Busatto, 2003, p. 78).

Os elementos que o professor poderá usar na sua contação de história poderão ser internos ou externos. Os elementos internos são aqueles que estão no próprio contador de histórias, tais como:

- 1) **A voz:** a voz é a ferramenta chave do contador, ela precisa ser explorada na medida certa, ou seja, nem muito alta e nem muito baixa, de forma suave. Uma boa dicção, pronunciar bem as palavras para que sejam entendidas, é muito importante neste compartilhar pela oralidade, assim como uma fala calma, com pausas e silêncios, quando necessário.

- 2) O corpo: o corpo participa da contação da história; é ele que, em muitas ocasiões, vai completar o que se está construindo com a voz. Entretanto, os movimentos devem ser sem exageros.
- 3) O olhar: mirar nos olhos daquele que ouve, o olho no olho, conecta. Também é a partir do olhar do outro que conseguiremos, durante o contar, perceber se aqueles que ouvem estão envolvidos ou não na história.
- 4) As expressões faciais: é essencial que as expressões do rosto do contador combinem com o que está contando, pois elas vão contribuir na compreensão da história.

Os elementos externos, por sua vez, são encontrados no ambiente, podem ser objetos da natureza, como galhos, folhas, conchas, pedras, ou, também, produtos produzidos pelo homem, como o algodão, tecidos, fitas, talheres, instrumentos de percussão e outros que o professor tenha disponível, sem precisar comprá-los. É interessante que sejam elementos que deem abertura para o imaginar, porque quando oferecemos elementos prontos, estereotipados, como imagens reproduzindo a cena ou fantoches de personagens e bonecos de pelúcia, podemos induzir esse imaginar, ou seja, os ouvintes já terão as imagens estabelecidas: “O importante é que o uso dos objetos não esclareça tudo, mas sim que a imaginação se encarregue de modificar formas[...]” (Busatto, 2003, p. 78).

Ao definir os elementos que serão usados para complementar a história, chega a hora de pensar em como vai iniciar e terminar o momento que inclui a contação da história. Tanto o início como o fim de uma contação de história têm o propósito de envolver os alunos, para seguir com foco na história. Para Gomes (2018, p. 66), “Deve haver um momento mágico para começar e terminar uma história: o início é como se fosse uma forma de “tirar” as pessoas daquele lugar e conduzi-las por outros mundos, e o momento do retorno é muito importante [...]”.

O início, ou podemos chamar de “partida para o mundo da imaginação”, é aquele instante em que o professor vai preparar os alunos para ouvirem a história; é um sinal de que logo a história vai começar, um “portal”. É nesse espaço de tempo que tudo vai se organizando, os alunos vão entendendo o que vai acontecer e se acalmando. Esse início poderá ser uma canção, um som, um incenso aceso, pode ser uma vela iluminando, um baú sendo aberto, enfim, pode ser o que o professor desejar, desde que atinja o objetivo, o sinal de que a história está por vir e de que é hora de se entregar para aproveitá-la. Já o fim, ou podemos chamar de “retorno ao mundo real”, é aquele momento após a história terminar. Nesse

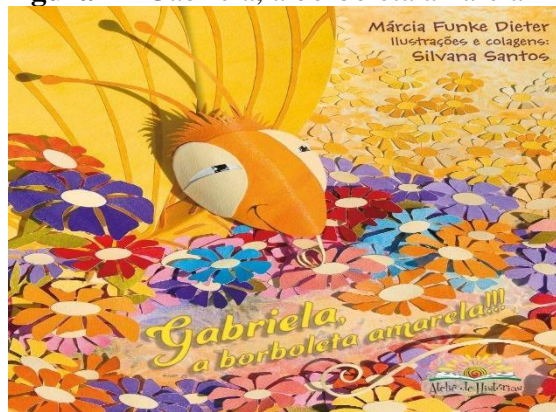
momento, convidamos o ouvinte para deixar o mundo da imaginação e voltar para o mundo real, o aqui/agora, mas de forma suave e “mágica”. Uma forma delicada de o professor fazer o fechamento e revelar que a história terminou é recitando alguns versos ou frases, fazendo algum som com instrumentos, cantando ou fazendo o que achar interessante e trará os seus alunos, de forma suave, de volta à realidade, para que não fiquem com aquela sensação de que foram arrancados desse outro lugar e tempo.

Após o preparo de todas as etapas: 1) a escolha da história e incorporá-la; 2) a escolha dos elementos para usar na contação e 3) a escolha de como iniciar (início/ a partida) e terminar (final/ o retorno), o professor terá a atenção dos alunos no momento da contação da história. Sem esse preparo que antecede o contar, o professor poderá correr o risco de não conseguir a atenção dos alunos, pois “Nada é mais desagradável que uma narrativa morna, ou que segue aos solavancos, que abre espaço para bocejos, desconcentração e faz a mente divagar indo para espaços distantes daqueles sugeridos pelo texto” (Busatto, 2003, p. 65). Essa experiência fantástica de compartilhar histórias literárias através da oralidade, com detalhes que parecem simples e sem muita importância, na verdade, fazem toda a diferença na conquista e sedução do ouvinte, para que sua atenção e encantamento não escapem.

Posto isso, apresentaremos um roteiro de preparação para a contação da história “Gabriela, a borboleta amarela”, de Márcia Funke Dieter (2014), visando a demonstrar a utilização das técnicas apresentadas anteriormente.

Contando Gabriela, a borboleta amarela

A obra “Gabriela, a borboleta amarela”, de Márcia Funke Dieter, foi publicada em 2014 pelo Ateliê de Histórias Editora LTDA. As ilustrações foram criadas por Silvana Santos. A personagem protagonista é uma borboleta amarela, chamada Gabriela. A história se passa em meio à natureza, num tempo não descrito.

Figura 1 - Gabriela, a borboleta amarela - Márcia Funke Dieter

Fonte: Dieter (2014)

Na sequência, são apresentadas as etapas para a contação da história.

Etapa 1: Escolher e incorporar a narrativa: a obra foi escolhida porque traz possibilidades imagéticas e abre para diferentes significados. Para incorporá-la, começamos com a leitura da história, prestando atenção na sua sequência, imaginando as cenas (sequência visual). Segue a sequência da história:

- 1) Gabriela é uma borboleta amarela que adora voar, voa para lá e para cá. Mas, as coisas que vê, são sempre amarelas.
- 2) A borboleta decide fazer outros voos, para mais longe. Escolhe voar para o lado esquerdo. Voa rápido, faz piruetas, voa lentamente, embalada pelo vento. Mas, tudo continua amarelo. A noite chega e Gabriela pousa e adormece.
- 3) Ao acordar, depara-se com outra cor, o verde. Fica muito feliz. Ao olhar para baixo vê muitas outras cores: amarelo, verde, vermelho, laranja, marrom, azul, lilás, rosa, roxo...ela voa para aquelas cores todas e, de repente, aparece uma borboleta azul. Gabriela fica com muito medo, nunca vira uma borboleta azul antes.
- 4) Sem demora, aparecem outras borboletas, de outras formas, tamanhos e cores. Gabriela, sente-se feliz, voa e mistura-se entre elas.
- 5) Gabriela não está mais sozinha, voa com muitos amigos e ela conseguiu ver o que sempre quis, outras cores. Mas, talvez, tudo estivesse sempre bem ali!

Etapa 2: após apropriar-se da história, ao lê-la algumas vezes, fixando a sua sequência, facilitando, assim, a sua contação, chega a hora de pensar e escolher os elementos para trazer durante a contação e abrilhantar o contar. Como sugestão, os elementos internos poderão ser:

- 1) A voz: em alguns momentos, na contaçon, mudar a voz em relação ao volume: cochichar quando ela está dormindo, por exemplo.
- 2) O olhar e as expressões faciais: também serão importantes na contaçon, pois os ouvintes, através do olhar e das expressões, poderão compreender os sentimentos que afloram durante a história: como a alegria ao ver outras cores, o susto e o medo de ver outra borboleta de cor diferente, a satisfação de não estar mais sozinha. Com o olhar, direcionamos os ouvintes para outros espaços, como, por exemplo, quando na história a Gabriela “ao olhar para baixo, surpreendeu-se ainda mais [...]” (p. 15), voltamos nosso olhar para baixo, levando os ouvintes a olharem também. Na passagem, “Sem demora o dia se escondeu e deu lugar a noite.”, levaremos o nosso olhar para o alto, simulando a contemplação das estrelas, induzindo os ouvintes a imaginarem.
- 3) O corpo: com o corpo, pode-se simular os movimentos do voo, como em “Voou rápido, fez piruetas no ar. Voou lentamente, esvoaçou...” (p. 8).

Os elementos externos utilizados nesta contaçon de história poderão ser:

- 1) Tecido amarelo: este tecido representará a borboleta Gabriela. Poderá ser usada em dois momentos na história: na passagem, “Voou rápido, fez piruetas no ar. Voou lentamente, esvoaçou...” (p. 8) e, em “Voava suave, quase sem esforço, embalada pelo vento.” (p. 10). Nessas passagens, pode-se movimentar o tecido amarelo, simulando o voo da borboleta, uma borboleta sem formato, sem detalhes, apenas um tecido que oportuniza que as crianças imaginem a borboleta como quiserem por meio de movimentos suaves.
- 2) Fitas coloridas: usar em três momentos, na história. O primeiro momento quando Gabriela vê as cores - “Era amarelo... amarelo claro, amarelo escuro, verde, vermelho, azul, lilás, roxo, rosa, laranja, marrom...” (p. 15) – pode-se trazer uma fita por vez, deixando as crianças nomearem a cor e, quando tivermos todas entre as mãos, ocorre o segundo momento: quando aparece a borboleta azul, “Em meio a tantas belezas, surgiu uma borboleta, uma borboleta azul.” (p. 16), pega-se apenas a fita azul do montinho de cores que se está segurando, movimentando-a, levando o foco para a cor azul, a borboleta azul. Por fim, o terceiro e último momento será quando aparecem as outras borboletas - “E, de onde saíra aquela, saíram outras borboletas, tantas que Gabriela perdeu a conta...” (p. 18) -, movimentam-se todas as fitas, uma quantidade em cada mão, simulando o voo de todas elas, o coletivo.

- 3) A casca de um coco: para simular a mudança do dia para a noite, ao dizer “Sem demora o dia se escondeu e deu lugar a noite.” (p. 11), fecha-se o dia entre o par de cocos e liberta-se a noite ao abri-los, olhando para o alto, lá onde vivem as estrelas.

Etapa 3: Para finalizar o planejamento dessa contação da história, apresentamos o início e o final do momento. Para iniciar e sinalizar que a história será contada e é hora de prepararem-se para ouvi-la. Assim, pode-se retirar a história, com as pontas dos dedos (imaginando que ela está lá) de um pequeno baú, colocando-a no coração (leva-se a mão ao peito, dando a ideia de colocá-la no coração) e poderá ser dito: “Era uma vez, a história vai começar, sentem bem confortáveis para a história escutar. Era uma vez, a história vai começar, respirem e fiquem tranquilos, para a história escutar.” Ao final da história, para fechar o momento da contação, poderá ser dito: “Esta história entrou pela porta e saiu pela janela, quem gostou bata palmas para ela”.

Após a contação da história, após os estudantes ouvirem tudo com entrega e atenção, “começam a refletir por dias e, dependendo da reverberação de cada história ouvida, mudam e transformam suas vidas, seus pensamentos e atitudes.” (Gomes, 2018, p. 76). Dessa forma, os alunos são incentivados a discutir sobre a história que ouviram, compartilhando suas percepções, emoções e opiniões, trocando ideias e estabelecendo conexões. O professor, por sua vez, não apenas promove a aprendizagem de seus alunos como também, segundo Abramovich (2004), ajuda a construir um potencial crítico que inquieta e cutuca a criança, estimulando-a a pensar, questionar, perguntar e contribuir para o seu desenvolvimento.

Importante destacar que as sugestões ora apresentadas são possibilidades pensadas a partir da obra e não de “receitas”. Cabe ao professor, reconhecendo a importância da contação de histórias, escolher, em cada uma das etapas, aqueles elementos que considerar mais adequados à história e aos seus alunos.

Considerações finais

Como demonstrado ao longo do estudo, a prática de contar histórias desempenha um papel significativo no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, além de ser fundamental para sua formação como indivíduos. Por meio dessa mediação, o professor é capaz de captar o interesse dos alunos pela narrativa, o que reforça o apreço pela leitura e os motiva a ler mais. A contação de história é, conforme Bedran (2012), uma arte que se faz necessária porque quando ela acontece seja na escola, numa roda informal ou no palco em forma de espetáculo,

o maravilhoso se instala e, nesses momentos, o ser humano significa a sua relação com o outro e com o mundo.

Ademais, a prática de contar histórias colabora no desenvolvimento da habilidade de ouvir, habilidade pouco usada nos dias de hoje, até mesmo na sala de aula. Uma habilidade essencial que, aprendida desde cedo, ajuda no desenvolvimento humano.

O professor que deseja ser um contador de histórias e, com essa prática, tornar suas aulas ainda mais atrativas e significativas e incentivar seus alunos a lerem, colaborando na sua formação leitora, precisa compreender que, antes de explorar tudo o que foi sugerido neste artigo, é necessário ser um leitor. Ser leitor é uma característica imprescindível de quem deseja contar e encantar com histórias, “Se você não for um bom leitor dificilmente será um bom narrador.” (Busatto, 2003, p. 90).

Lendo, o professor tem a chance de criar um acervo de boas histórias para contar e vai praticar a leitura prestando atenção à linguagem e em como poderá ser compartilhada oralmente. É preciso ler todas as histórias que puder: histórias curtas e histórias longas, histórias que emocionam, que fazem chorar ou que arrancam gargalhadas, histórias de amor e de terror, histórias de todos os povos e de todos os tipos, para experimentar e perceber aquelas com que tem mais afinidade.

Sendo um leitor, gostando de compartilhar histórias e explorando as técnicas compartilhadas neste artigo, que não tiram muito tempo do professor e nem envolvem gastos, porque pode usar somente os elementos internos ou qualquer elemento externo que julgar interessante, o professor passará a contar histórias de uma forma única, encantando seus alunos.

É evidente que alunos cativados pela narrativa sentirão o desejo de levar para casa o livro contendo a história tão habilmente apresentada, a fim de compartilhá-la com suas famílias, promovendo, assim, o interesse pela leitura. Além disso, qualquer atividade proposta pelo professor, após a contaçon da história e relacionada a ela, será abraçada com entusiasmo pelos alunos, tornando o processo de aprendizagem mais agradável e significativo.

O professor que escolhe ser um contador de histórias colaborará na formação humana e leitora de seus alunos e potencializará a aprendizagem através de uma mediação coletiva e potente, que envolve, conecta e cria laços de afeto.

Uma história bem contada, que prende a atenção e possibilita visitar outro lugar, no tempo mágico do “Era uma vez...” transforma o interior daquele que ouve e poderá transformar realidades.

Referências

- ABATE, E. A. B.; STOLTZ, T. Contação de histórias e desenvolvimento do adulto contador. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 15, p. 1–17, 2019.
<https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.14674.020>. Disponível em:
<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/14674>. Acesso em: 18 mar. 2024.
- ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2004
- ANTUNES, J. M; MARTINS, R. L; KUNZ, M. A. 2021. Eu conto, tu contas, ele conta: A leitura compartilhada para a promoção do protagonismo infantil. *Revista Humanidades e Inovação*, 8(33), 342-351.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAJARD, Élie. A sessão de mediação: Um dispositivo engenhoso. In: BAJARD, Élie. *Da escuta de textos à leitura*. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2014. p. 43-66.
- BEDRAN, BIA. *A arte de contar histórias*. Narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BEDRAN, Bia. Cantar e contar histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes e MORAES, Taiza Mara Rauen (Org). *Contação de Histórias: Tradição, poética e interfaces*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.
- BUSATTO, CLÉO. *Contar e Encantar*. Pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995
- CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica*. São Paulo: Paulus, 2002.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
- DANTAS, GOIMAR. *A arte de criar leitores*. Reflexões e dicas para uma mediação eficaz. São Paulo: Senac, 2019.
- DIETER, Márcia Funke. *Gabriela, a borboleta amarela*. Ivoti: Ateliê de Histórias, 2014.
- ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. Traduzido por Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas Andrade. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- FAILLA, Zora. *Retratos de Leitura no Brasil 5*. São Paulo: GMT Editorial Ltda, 2021.
- GOMES, ELAINE. *A arte de narrar histórias*. São Paulo: Senac, 2018.

JARDIM, Mara Ferreira. Critérios para análise e seleção de literatura infantil in: SARAIVA, Juracy Assmann. *Literatura e alfabetização do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre ArtMed.2001.

KLEIMAN, Angela. *Textos & Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. São Paulo: Pontes, 2016.

PANOZZO, Neiva Senaide Petry; RAMOS, Flávia Brocchetto. *Interação e mediação de leitura literária para a infância*. São Paulo: Global, 2011.

REIS, Caroline Kirsten. *História da escrita: uma contextualização necessária para o processo de alfabetização*. Monografia. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2019.

REYES, Yolanda. *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.

SILVA, Ana Araújo. Literatura para Bebês. *Pátio*, São Paulo, n.25, p. 57-59, fev./abr.2003

SISTO, Celso. Contar histórias, uma arte maior. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes & MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs.). *Memorial do Proler: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem*. Joinville, UNIVILLE, 2007.

SILVEIRA R. H. KIRCHOF, E. R. *et al. A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras*. São Paulo: Editora Moderna LTDA, 2012.

SOUZA, Renata Junqueira de. Prefácio. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 9-18.

VYGOTSKY, L.S. *Imaginação e criação na infância*. 1 a ed., São Paulo: Expressão Popular, 2018.

ZILBERMAN, R. A. *Leitura e o ensino da Literatura*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

ZILBERMAN, R. *A infantil na escola*. 11. ed. rev. e ampl. São Paulo: Global, 2003